

A obra está clara e assumidamente delimitada: o extenso comentário, versículo a versículo, de Cirilo de Alexandria (†444) ao Evangelho de S. João (*In Ioannis Evangelium*: 412-428).

Cirilo de Alexandria, em confronto com Nestório, é um Autor chave no Concílio de Éfeso (431), com influência também no Concílio de Calcedónia (451) e em toda a reflexão teológica posterior. A sua relevância incide especialmente na cristologia, na pneumatologia e, por isso, também em toda a teologia.

O Autor propõe-se «abordar a relação Cristo-Espírito em *In Io.*, fixando-se especialmente na conexão que Cirilo estabelece entre a actuação do Espírito em Jesus, a inclusão da humanidade nEle e o dom do Espírito por meio dele» (p. 25).

Partindo dos conteúdos desenvolvidos por Cirilo de Alexandria, o Autor organiza-os tendo como grelha a História da Salvação: «O Verbo e o Espírito na humanidade antes da encarnação» (I); «O Filho encarnado. A carne e o Espírito» (II); «Cristo, ungido pelo Espírito. A teofania do Jordão» (III); «Cristo, de ungido pelo Espírito a dispensador do Espírito» (IV); «Cristo glorificado, dador do Espírito. Inclusão da humanidade em Cristo e dom do Espírito Santo» (V).

O aturado estudo de Hernández Peludo ajuda a descobrir em Cirilo «uma cristologia positiva na que o Espírito Santo tem um singular protagonismo», tendo como pauta o texto bíblico (p. 30). Releva, assim, a importância do «Doutor do Verbo Encarnado», nesta fase decisiva do aprofundamento de questões cruciais do pensamento cristão, e ajuda a teologia a ultrapassar interpretações que, às vezes, por serem contrapostas, empobrecem a compreensão dos grandes autores da literatura cristã antiga.

PIO G. ALVES DE SOUSA

SAGRADA ESCRITURA

CAZEAUX, Jacques, *L'évangile selon Mathieu. Jérusalem entre Beth-léem et la Galilée. Essai*, coll. «Lectio divina», Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2009, 546 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09063-6.

O comentário analítico e interpretativo do evangelho de Mateus, que aqui se apresenta, impressiona pela positiva, logo de entrada, a quem (apenas) passar os olhos pelos títulos e subtítulos do índice. Com efeito, eles são, em sua simplicidade concisa, grandemente sugestivos pela expressividade literária. A explicação é óbvia. Trata-se de um comentário escrito por um especialista na área da literatura. Jacques Cazeaux, doutor em Letras, ao mesmo tempo que investigador no CNRS (MOM de Lyon), pôs aqui em obra a sua capacidade de análise e interpretação na base do seu método propriamente literário. Afinal, como escreve no prefácio, «o evangelho [de Mateus] como o resto dos Escritos de Israel é literatura» (p. 27).

Esta qualidade do livro descobre-se também na compreensão geral que o autor tem da obra de Mateus, iluminando a compreensão que, por sua vez, este tem da pessoa e do mistério de Jesus. «Mateus não avança à toa ou como quem estivesse a filmar, mas conscientemente e com arte», sublinha Cazeaux no seu prefácio (p. 8). O evangelho em causa não é uma «Vida de Jesus», mas uma construção literária, muito bem arquitectada. Assim, tudo aí – gestos, palavras, etc. – é visto e apresentado pelo comentador como que «naturalizado» no âmbar da Palavra de

Deus, isto é, nas Escrituras de Israel. Como ele mesmo se explica, «é a influência contínua destas Escrituras, sob a direcção de Mateus, o embargo sem eclipse da Lei e dos Profetas inclusive no estilo, a total invasão da palavra de Yahveh, que anunciam que Jesus é o Filho de Deus; que ele não será o rei segundo as Nações, o ocaso da Torah e dos Profetas». Cristo aparece assim como verdadeiro Filho de Deus e como verdadeiro Rei, que todavia não renega a sua condição de filho de Israel nem eclipsa Deus em nome da fraternidade com os homens.

É, pois, no enraizamento das Escrituras de Israel que emerge o rebento do evangelho de Mateus, com a sua figura de Jesus plenificador da Lei e dos Profetas. No prefácio, Cazeaux procura explicar como Mateus parte de um tempo e de um espaço largos, para os concentrar progressivamente em círculos mais estreitos, já no interior do NT. Assim é que Jerusalém aparece entre Belém e a Galileia, como está sugerido no subtítulo, depois de um ponto de partida da âmbito largo, qual é o espaço das Nações (com as iniciais referências ao Egipto e ao Oriente). E assim todo este mesmo evangelho, onde cada afirmação sobre Jesus Filho de Deus, Messias e Servo se inscreve na sua trama como narrativa, perdida que anda, ela mesma, «no azul maternal da Bíblia judaica» (p. 11).

Nesse enraizamento inscreve Cazeaux a «má consciência» de Israel, teimando em afirmar e manter uma realeza à imagem da realeza das Nações. Política e religião misturam-se por toda a parte. Duas «rudes medicinas» são aplicadas por Deus: o exílio e a retirada do primogénito (Esaú). A posse da terra não é dada. Israel é conduzido à compreensão de que a realeza que Deus tem em vista é de outra ordem que não a

das Nações. E se Jesus é «filho de David», é porque é rei, não porém naquela ordem de realeza, mas no plano de um «reino de Deus».

Esta ideia da verdadeira realeza de Jesus, prefigurada nas realezas do AT, constitui, de algum modo, o fio condutor do evangelho de Mateus, segundo este intérprete. Cazeaux vai organizando então o seu comentário analítico e interpretativo em blocos do texto mateano. Um Prólogo analisa as duas realezas (caps. 1 e 2 do evangelho). Em «Do Deserto à Galileia das Nações» faz incidência sobre os caps. 3 e 4. Os caps. 5-7 são objecto da sua análise do Sermão da montanha. Distingue aí três etapas: a Geena, o silêncio e a realeza. Em «Da prova dos sinais» ocupa-se dos caps. 8 a 9,8, sob os signos do regresso ao Paraíso, da encruzilhada ou do filho de Deus ao Filho do homem e da descida aos infernos. 9,9 e 10 são subordinados à ideia da abdicação. «Dos sinais à Lei» é o título em que se ocupa dos caps. 11-12. A parábola e a sequência de parábolas (sete), com uma pertinente incursão no mistério da planta, preenchem o cap. 13. O maná ou a Lei, numa paisagem de violência, ocupam os caps. 14-17. O bloco dos caps. 18-20 apresenta uma análise sob o que é designado como a demissão humana; aí aparece a criança como imagem do *nada* flamejante. A alternativa messianismo ou realeza preside à análise dos caps. 21-23. A Lei, ou o Fim do mundo são as ideias que presidem aos caps. 24-25. Finalmente, os caps. 26-28 versam sobre a Páscoa falhada de Israel.

No seu conjunto, este livro aparece como um estudo sério, com marcas de originalidade, por mais que todo ele sensatamente subordinado à discreta categoria do ensaio.

JORGE COUTINHO